

Por que eu não gosto de usar uniforme?

Ana Raquel Lemos da Silva

E. E. Pedro Álvares Cabral

Resumo: Neste texto, uma aluna do 1º ano do Ensino Médio conta como surgiu a questão de um dos seus pôsteres, e comenta sobre suas apresentações nos encontros e eventos de Prática Exploratória.

Palavras-chave: pôster, uniforme, preconceito, desenvolvimento.

O SUCESSO DAS APRESENTAÇÕES

Eu gosto de apresentar meus pôsteres nas sessões de Prática Exploratória. Há uns quatro anos eu venho apresentando os pôsteres que fiz com meus colegas, desde a 6ª série. Falo muito. E os pôsteres que mais chamam atenção são o da matemática e o da cola. As questões são: “Por que é tão difícil aprender matemática?” e “Por que a gente cola?”. Eu sinto que as pessoas gostam muito porque elas comentam comigo e também comentam na hora em que todos discutem sobre os trabalhos.

No caso da matemática, os comentários são que o trauma vem de casa, a mãe diz que tem que prestar atenção, que matemática é difícil e aí, na sala de aula, você se sente como se estivesse paralisado: você entende, pode até saber, mas é muita tensão, o medo atrapalha e, às vezes, leva à reprovação. O da cola....

A QUESTÃO DO UNIFORME

Mas, neste relato, eu gostaria de falar sobre o pôster que eu fiz “Por que eu não gosto de usar uniforme?”

O uniforme é um problema: os professores criticam o uniforme atual da prefeitura porque não tem como identificar o aluno, não tem o nome da escola. E os alunos reclamam do preconceito das pessoas, como os motoristas de ônibus, que julgam um aluno por todos. Os motoristas não param no ponto, não abrem a porta e quando abrem, só levam a metade dos alunos e, então, vão embora.

Como já estou no 2º grau – e uso outro uniforme – percebo que existe mesmo uma discriminação maior dos alunos do município. Os alunos do 2º grau são olhados de outro modo. Talvez porque se comportem melhor. Às vezes, no mesmo ônibus tem um

aluno do município e um do 2º grau. O aluno do município tem um comportamento: berra, bota a cabeça pra fora, mesmo as crianças pequenas. O aluno do 2º grau tem outra atitude, tem um comportamento mais adequado, não perturba os outros passageiros. Bem, sempre tem um ou outro que faz bagunça, mas a maioria se comporta.

COMO TUDO COMEÇOU

Mas, eu escolhi fazer esse trabalho de Prática Exploratória, um pôster, porque me lembrei do que aconteceu comigo e com meus amigos em um *shopping center*. Nós estávamos de uniforme. Quando entramos no shopping, os seguranças já olharam com desconfiança. Um seguiu a gente até uma livraria. Lá dentro, parecia que os seguranças do *shopping* haviam se comunicado com os seguranças da loja, todos ficaram atrás da gente.

Minha amiga Patrícia e eu íamos comprar um CD. Escolhemos. E um segurança em cima da gente, parecia que íamos levar o CD sem pagar. Quando fomos pagar, a Patrícia se sentiu ofendida pela maneira como fomos tratadas. O meu colega Bernardo foi até parado pelo segurança. E ela resolveu não comprar nada. Mas eu pensei que aí a gente ia dar razão ao segurança, que ele ia pensar que estava certo e que a gente estava querendo levar o CD sem pagar. Fiquei sem jeito e comprei. Eu tenho certeza de que tudo foi por causa do uniforme.

É um preconceito bobo que não devia existir. É um erro comparar um aluno a um ladrão. Não é porque uso um uniforme que vou levar coisas sem pagar! Muitas vezes já vi pessoas levando coisas de lojas e elas não usavam uniforme. Muitas pessoas consideram que a maioria dos alunos do município mora em comunidades de baixa renda e o preconceito leva a pensar que qualquer ato dessas pessoas é um ato errado.

O meu pôster ficou legal, mas poderia ter tido mais coisas, mais opiniões, ser maior. Hoje eu faria diferente. Hoje vejo as coisas passadas e sei fazer crítica. Eu fiz o trabalho me focando como aluna do município. Queria saber o porquê. E desabafei. Agora, no 2º grau, vejo como o comportamento dos alunos do município, mesmo o das crianças, incomoda as pessoas. Muitas vezes é um abuso! Fico pensando: *Por que eles não dão valor? E se acabar o Rio Card? O que acontece?*

REFLETINDO E ENTENDENDO

Eu não acho certo o preconceito das pessoas. E esse preconceito leva a julgamentos errados. Não é justo. Um faz e todos levam a culpa? Eu não quero julgar e

nem ser julgada. Eu era muito de julgar as pessoas, mas fui julgada de modo errado. Provei do meu próprio veneno. Revendo meus atos vi que magoei pessoas, sem querer.

Quando apresento os pôsteres eu me sinto bem. É o meu trabalho: fiz uma pesquisa, fui atrás das pessoas na escola, fui compreendida. Apresentar é legal, é tudo de bom. Bem, quando eu vejo um monte de gente, dá um medo de falar e errar, mas eu gosto porque eu me desenvolvo melhor. São momentos novos para mim. Estou me conhecendo melhor. Estou vendo do que sou capaz de fazer, estou me desenvolvendo.

Eu já ouvi que o professor tem medo do aluno, o professor gostaria de conhecer melhor o aluno. Ouvir o meu trabalho ajuda. É bom porque eu me vejo como aluna e me boto no lugar do professor. Às vezes ele quer conhecer o aluno, mas não consegue, não sabe como. E depois dos pôsteres, ele começa a inventar coisas. Ele pensa: quem sabe se mudar a aula os alunos vão melhorar? Então, eu ajudo. E é gratificante quando as pessoas dizem que o trabalho é bom. É um incentivo para continuar.

A AUTORA

Ana Raquel Lemos da Silva é aluna do 1º ano do Ensino Médio no Estado do Rio de Janeiro e faz parte do Grupo de Prática Exploratória desde 2003.
E-mail: epcentrerio@hotmail.com